

PROTESTO COM MAIS DE 30 VIATURAS EM ANGRA DO HEROÍSMO

"Enfermeiros sentem-se desrespeitados e humilhados"

CARAVANA AUTOMÓVEL Depois de Ponta Delgada, enfermeiros manifestaram-se, ontem, em Angra do Heroísmo

Se não forem retomadas as negociações, os enfermeiros ameaçam entrar em greve no final do mês. Em causa está a contabilização do tempo de serviço.

"Enfermeiros açorianos, heróis para a população, roubados pelo Governo da Região", "Agradecemos as palmas, mas exigimos respeito de quem nos governa", "Já pensou se durante a pandemia não existissem enfermeiros?". Foram estas as palavras de ordem dos enfermeiros da ilha Terceira, ontem, numa manifestação, de carro, adaptada às regras de distanciamento social que a covid-19 obriga.

Mais de 30 viaturas percorreram as principais artérias de Angra do Heroísmo, com passagem pelo Palácio dos Capitães-Generais e pelo Solar dos Remédios, ontem, ao final do dia, com um buzinao em reivindicação pela contabilização dos anos de serviço para efeitos de progressão na carreira.

"Os enfermeiros estão desagrados. Sentem-se desrespeitados e humilhados", salientou, em declarações aos jornalistas, o presidente direção regional dos Açores do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (SEP), Francisco Branco.

Em causa, está uma divergência entre enfermeiros e Governo Regional sobre os anos de serviço a contar. O executivo açoriano admite contabilizar apenas o tempo a partir de 2014 aos enfermeiros que tiveram valorizações salariais em 2013. O sindicato alega, no entanto, que essa valorização, com base na contagem do período entre 2004 e 2008, devia ter ocorrido em 2011 e não em 2013.

Segundo Francisco Branco, com esta decisão dois terços dos enfermeiros da função pública correm o risco de perder cinco anos de serviço para efeitos de progressão e de ficar o resto da carreira uma posição remuneratória abaixo do suposto.

O sindicato reivindica ainda a contagem do tempo de serviço aos enfermeiros que têm contratos individuais de trabalho nos hospitais, que nalguns casos já representam cerca de metade da força laboral desta classe.

A caravana automóvel de ontem foi a segunda de três manifestações nas três cidades com hospital da Região: Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta. Segue-se uma greve nos dias 28 e 29 de setembro em hospitais e centros de saúde.

"Nós não vamos para uma greve porque queremos ou porque temos prazer em fazer greve. Fomos atirados. Não temos outro recurso", sublinhou Francisco Branco.

Em plena pandemia de covid-19, o representante do sindicato admitiu que a greve possa gerar alguns constrangimentos, mas disse que a população tem manifestado compreensão com a luta dos enfermeiros.

"Sabemos que há uma pandemia, mas a vida continua, o mandato acaba e nós temos de ter noção se este governo está disponível ou não está disponível para resolver estes problemas", frisou.

A pouco mais de um mês das eleições, a greve é o último esforço dos enfermeiros para forçar o executivo açoriano a negociar, mas desde que as ações de protesto se iniciaram o presidente do sindicato diz ainda não ter sido contactado por qualquer membro do Governo Regional.

"A nossa maior expectativa era que a greve não acontecesse. Para a greve não acontecer - e isso pode ser até à véspera, não temos problema com isso - era preciso que o Governo desse um passo no sentido de voltar a conversar connosco com alguma garantia de entendimento. Não basta dizer que queremos conversar", salientou.

O Governo Regional alega que contabilizar os anos anteriores a 2014 seria uma dupla contabilização, já que a última valorização salarial foi em 2013, mas Francisco Branco entende que o executivo ainda não fundamentou a sua decisão.

"Podemos ter pontos de vista diferentes, ambos fundamentados na lei. O que existe, neste momento, é uma posição do Governo que não tem qualquer enquadramento legal. Ou há abertura para fundamentar a posição que tomaram ou para dialogar ou a gente vai caminhar para a greve, com toda a certeza", reiterou.

Depois de ter pedido uma reunião com o presidente do Governo Regional, o presidente do SEP nos Açores defende agora a participação do vice-presidente do executivo açoriano, responsável pela pasta das Finanças, nas negociações.

"Seria mais honesto da parte do Governo se nos sentássemos a três à mesa, ou seja, a entidade que representa a saúde, quem está por detrás desta engrenagem toda, que é a vice-presidência, e o sindicato", apontou, alegando que quem negocia parece que "não tem aval político para tomar decisões".



PROTESTO Enfermeiros vão partir para a greve nos dias 28 e 29 deste mês